

Festas patrimônio: os ciclos junino e natalino de Sergipe

Fiestas patrimonio: las ceelebraciones de junio y navidad en Sergipe

Les fêtes patrimoine: célébrations de juin et de Noël à Sergipe

Maria Augusta Mundim Vargas
Universidade Federal de Sergipe
guta98@hotmail.com.br

Resumo

O texto traz as diversas temporalidades das festas populares sergipanas ocorrentes nos ciclos junino e natalino. Mostra a importância das festas religiosas como propulsoras de eixos simbólicos que se materializam em outras festas, nomeadas neste estudo “festas de entorno”. As festas são numerosas, desdobram-se em diversas expressões de cantos, danças e formações, muitas delas singulares, únicas! O estudo desvelou não apenas diversidade e singularidades, mas, sobretudo, expressões que têm a essência do “fazer a festa”, herdadas e apropriadas pela tradição, um permanente refazer; reproduzindo, renovando e traduzindo os sentidos da festa patrimônio.

Palavras-chave: festa; ciclo junino; ciclo natalino; festa patrimônio.

Resumen

El texto reúne las diferentes temporalidades de las fiestas de Sergipe que ocurren en Junio y Navidad. Muestra la importancia de las fiestas religiosas como eje motor simbólico que materializarse en otras fiestas, en este estudio llamadas "fiestas circundantes". Las fiestas son numerosas, se desarrollan en diversas expresiones de canciones, danzas y formaciones, muchas de ellas únicas! El estudio dio a conocer no sólo la diversidad y singularidad, pero sobre todo, las expresiones que tienen la esencia de “hacer la fiesta”, heredadas y apropiadas por la tradición, en un rehacer permanente, en una renovación y traducción de los sentidos de la fiesta patrimonio.

Palabras clave: fiesta, ciclo junino; Ciclo de Navidad, fiesta patrimonio.

Résumé

Cet travail présente les différentes temporalités des fêtes populaires de Sergipe qui se produisent dans les cycles religieuses de Juin et de Noël. Montre l'importance des fêtes religieuses comme essieu moteur symbolique qui se matérialisent dans d'autres fêtes, nomées dans cet étude “fêtes des environs”. Les fêtes sont nombreuses, se

recadrent en d'autres expressions de chants, des dances et des formations, beaucoup d'entre eux uniques! L'étude n'a pas démontré seulement la diversité et l'unicité; il dénuce les expressions qui ont dans l'essence en "faire les fêtes", héritées et appropriées par la tradition, dans un mouvement permanent de refaire, de reproduire, de renouveler qui traduisent les sens de la fête patrimoine.

Mots-clés: fête; cycle de Juin; cycle de Noël; fête patrimoine.

Introdução

Este artigo tem como objetivo expor os resultados do Projeto a *Dimensão territorial das festas populares e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial nos estados de Goiás, Ceará e Sergipe*, executado no Estado de Sergipe pelo Grupo de pesquisa Sociedade e Cultura do Laboratório de Dinâmica Ambiental, vinculados ao Núcleo de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe. Trata-se de um trabalho coletivo que extrapola o âmbito de sua execução em Sergipe, pois suas premissas balizadoras teórico metodológicas guardam a especificidade de terem sido construídas por uma conjunção interinstitucional, inter-regional e interdisciplinar. Tal imbricação faz merecer a exposição retrospectiva de sua construção, esclarecedora dos limites e da estrutura do texto ora apresentado.

Assim, registra-se a propositura do projeto capitaneada pelo Grupo de Pesquisa Geografia Cultural: Territórios e Identidade, vinculado ao LABOTER – Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Goiás, que proporcionou o encontro com as demais instituições – Grupo de Pesquisa Educação Patrimonial e Representações do Imaginário Geográfico, vinculado ao Laboratório de Estudos Geoeducacionais (LEGE) da Universidade Federal do Ceará e, como já dito, o Grupo da Universidade Federal de Sergipe - possibilitando o atendimento ao Edital Pró-Cultura 07/2008- Capes/Minc.

Após a liberação dos recursos em meados de 2010, realizamos reuniões que resultaram no balizamento do projeto, ou seja, a compatibilização metodológica das categorias-chave - *políticas públicas, festas, manifestações culturais, dimensão cultural, mídia e turismo*, com os instrumentais que deveriam ser executados de forma a proporcionar a consecução de produtos transversais, dentre eles, a realização de fóruns.

Tal como expresso na proposta do projeto, a carência de sistematização e o amplo campo vislumbrado pela Geografia corroboraram para o encontro e o esforço das equipes em se debruçarem sobre a dimensão territorial das festas populares. A abordagem assumida posicionou as manifestações culturais populares dos ciclos junino e natalino como objetos da análise da cultura posto

que inseridos numa “rede tecida pelas sociedades” (GEERTZ, 1989, p. 43), com suas múltiplas formas de manifestação e interpretação. E, ao definirmos como limites do objeto as festas dos ciclos junino e natalino tomamos as festas religiosas manifestadas nos templos e rigorosamente no calendário litúrgico como *festas de referência*; aquelas conduzidas por grupos da comunidade e manifestadas em decorrência do ciclo como *festas de entorno* e, aquelas captadas durante a pesquisa sem associação aos ciclos como *outras festas*.

No que concerne aos limites dessa pesquisa o universo simbólico das festas aqui tratadas é tido como plural, inserido num universo de culturas cuja manifestação e expressão são observadas pelas diversas formas de fazer e de “usar” as manifestações e as expressões. As indagações que nortearam nossas reflexões situaram-se, portanto, na apreensão dos eixos simbólicos e das lógicas racionais em que se encontram as tradições, as ressignificações e as novas práticas nas festas populares sergipanas dos ciclos: junino e natalino.

Nesse sentido, abordamos as festas sob dois aspectos. Elas são apreendidas como rituais simbólicos carregados de sentimentos e significados e os lugares dos festejos como “geossímbolos” (BONNEMAISON, 2002) apropriados pelos valores da tradição cultural, o que significa tratá-las como momentos de encontro e de confraternização, momentos de valorização dos brincantes que vêm guardando em suas danças, rimas e em seus grupos a memória de valores tradicionais. Sob esse aspecto apreendemos suas origens à forma festiva e criativa do povo brasileiro manifestar sua devoção aos santos e à “permissão” da Igreja, desde o início da colonização portuguesa, de inserir em seus tempos litúrgicos festas populares.

Por outro lado, nas últimas décadas, vêm-se observando significativas mudanças nas paisagens festivas que nos conduziu à observação da racionalidade da produção das festas analisadas. Sob esse aspecto foi intencionado um olhar sobre as políticas públicas e o turismo. Observamos e registramos, dessa maneira, as festas que vêm sendo objeto de interesse e de resguardo pelo turismo e pelas políticas governamentais, respectivamente.

Não nos ativemos tampouco, às políticas culturais e sim aos instrumentos usados para as escolhas de lugares, de festas e de grupos produtores; assim como não nos ativemos ao turismo cultural, mas às dimensões interativas que proporcionaram o consumo da festa para além dos festejos populares religiosos. São as dimensões interativas que envolvem os aportes simbólicos e materiais dos grupos produtores, a inserção social e política e os referentes dos cenários das festas, tais como paisagem, ecossistema, infraestrutura, dentre outros.

Com esses direcionamentos, trazemos as festas religiosas promovidas pelas paróquias e pelas comunidades cristãs e as festas populares dos ciclos

natalino e junino, ressaltando que neste momento ainda próximo da conclusão da tabulação dos dados, a estrutura de nosso texto se aproxima a de um relatório, ainda descritivo, ainda buscando conexões. Reitera-se nossa dificuldade no momento, em não correr o risco de, ao expor todas as festas, tornar o texto excessivamente descritivo e, ao subtrair uma manifestação ou a descrição que a singulariza, empobrecer as reflexões provocadas pelos recortes da pesquisa.

Nossa apreensão justifica-se pelo universo plural e diverso das festas em Sergipe, significativamente nos ciclos junino e natalino. Desta feita, embora tenhamos feito levantamento das festas religiosas, *de referência*, bem como das *outras festas* que ocorrem nos ciclos, mas que não se relacionam com os santos e tampouco com os folguedos a eles associados, este texto dará ênfase às festas populares, que nomeamos *festas de entorno* e, pelo recorte do projeto, são o foco de maior interesse da pesquisa¹.

Quadro 01: Diversidade das festas de entorno dos ciclos junino e natalino em Sergipe

CICLOS	FESTAS DE REFERÊNCIA	FESTAS DE ENTORNO
JUNINO	Santo Antonio São João São Pedro	Arraial Forró Festas de escolas Casamento caipira, cortejo e cavalgadas Batalhão, Bacamarte Batucada, pisa pólvora Quadrilha Sarandagem, arrastão Complementares: concursos, leilões, fogueira, queima de fogos, folguedos de outros ciclos.
NATALINO	Rituais: missas, novenas, procissões, alvoradas. Autos de Natal Complementares: leilões, árvore de natal, queima de fogos, presépios, lapinhas, Papai Noel.	Folia de Reis Reisado Pastoril Taieira Chegança Cacumbi Complementares: ceia, confraternização, eventos culturais, feira, quermesse, parquinho, shows, apresentação de folguedos de outros ciclos.

Fonte: Banco de dados Sergipe: Projeto A dimensão territorial das festas populares e do território: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe, 2012.

O quadro 1 expõe a diversidade das festas em Sergipe. São as “festas populares” ou “festas de fê”; “festas sacroprofanas”; “festas ibéricas do

¹ Sobre as manifestações culturais de Sergipe especialmente as festas, destacam-se as obras de Alencar(1998), Carvalho Deda (2001) e Agenda Cultural (1997).

cristianismo popular”; dentre outras nomeações, que vêm sendo tratadas ao longo de séculos em múltiplos aspectos, suscitando pesquisadores de diversas áreas do conhecimento de tal forma que se pode afirmá-las como permanente fonte de observação².

As festas populares surgiram em decorrência dos festejos religiosos e se expõem como herança, de geração a geração. São essencialmente ritualísticas, mas ao mesmo tempo, transgressoras de regras e agregadoras de laços sociais que, segundo Durkheim (2008, p. 547), apresentam características religiosas ao “suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso”.

E, como exposto, interessa-nos abordá-las pelos conteúdos sinalizados pela pesquisa empreendida: os eixos simbólicos e as lógicas racionais em que se encontram as tradições e as ressignificações das festas. Antes porém, faremos um breve relato das festas religiosas.

As festas religiosas

As festas católicas ocorrem de acordo com o estabelecido pelo calendário litúrgico e o ciclo natalino ou o tempo do natal é considerado como um “tempo forte”, em contraposição aos “tempos comuns” em que se celebram outros santos.

O ciclo natalino é curto, com apenas 12 dias que se estende de 24 de dezembro a 06 de janeiro, quando se comemora a Epifania, ou seja, a aparição de Jesus. Nesta, celebra-se três momentos: a epifania dos Reis Magos quando do nascimento de Jesus, comemorado no dia 6 de janeiro; a epifania a São João Batista no segundo domingo após o natal, assim como a aparição de Jesus aos discípulos.

No entanto, o tempo natalino é antecedido e preparado pelo Advento que ocorre quatro semanas antes do natal. Por esse motivo, consideramos esse período em nosso levantamento, quando se celebra a Sagrada Família, Maria mãe de Jesus, o batismo de Jesus e os Reis Magos.

O período do Advento é marcado em Sergipe por muitas celebrações. Apreendemos no período do Advento celebrações à Maria como padroeira de onze municípios sergipanos, com destaque para Nossa Senhora da Conceição, reverenciada em nove deles, inclusive na capital. É enorme a listagem de templos - paróquias e capelas, em todo o Estado sendo: 99 à Nossa Senhora

² Apenas para pontuar os interesses em diversas áreas, citam-se: Eliade (2008), Bourdieu (1987), Claval (1992); Cascudo (2000); Rosendahl (1996); Brandão (1978).

Imaculada Conceição, 49 à Santa Luzia, 28 ao Sagrado Coração de Jesus, 17 à Sagrada Família que significam o Advento como tempo preparatório do natal, (BONJARDIM, 2011).

É durante o novenário do Advento que se erguem presépios e se encenam autos. Essa tradição é observada em todos os locais visitados. As novenas são realizadas nas igrejas ou nas casas, neste caso, geralmente a imagem que percorre é a da Sagrada Família.

A tradição dos presépios dentro dos templos se estende para as casas e assim, simbolicamente, transporta para os lares o espaço sagrado e reforça a união dos mundos materiais à dimensão divina, ao promover o encontro com o Menino Deus juntamente com sua família terrena. Tamanhos, cores e materiais se diferenciam de acordo com as possibilidades financeiras, criatividade e disponibilidade de matéria prima, sendo comum árvores e animais da região como pássaros e bois.

Segundo Gauditano e Tirapeli (2003, p. 38) a tradição de erguer os presépios deram origem a duas manifestações distintas, quais sejam as Lapinhas, de caráter mais religioso e os Pastoris, mais profano, que trataremos em seguida. Em Sergipe, não identificamos tal nomenclatura, “Lapinha”³, mas sim a encenação de autos dramáticos dentro de templos, defronte aos presépios ou nas praças e largos das igrejas. Desta maneira, os rituais do Advento e do Natal são mais contidos, restritos às novenas e missas. As procissões festivas situam-se como rituais especiais aos padroeiros e às comemorações natalinas.

No dia de Natal as igrejas celebram missas solenes comemorativas ao nascimento de Jesus. Observa-se, contudo, que a tradicional missa do Galo realizada à meia noite vem sendo rezada em horários alternativos, desde as 17h00min até no máximo as 20h00min, devido a preocupação com a segurança dos fiéis, mas também, como forma de “liberá-los” para as comemorações em família. Em poucos municípios ainda se mantém a prática de ceias comunitárias em praça pública ou na casa paroquial.

Em contraponto aos rituais refreados das missas e novenas, as luzes do Natal são esplendorosas. É também neste período que casas, templos e espaços públicos são ornados com luzes simbolizando a luz do nascimento de Jesus. Em Aracaju, postes de ruas e avenidas, troncos de árvores de praças e parques recebem a cada ano, ornamentação e iluminação especial. Muitos templos,

³ É importante pontuar que o termo não foi referenciado pelas fontes consultadas nas entrevistas (párocos e organizadores de festejos ligados à paróquia), muito embora na literatura a expressão Lapinha (sinônimo de presépio) seja referenciada como ritual comum no Nordeste brasileiro, correspondente a pequenos autos do Pastoril encenados diante dos presépios, mas que foram aos poucos sendo modificados nas danças e nos cantos pelos Pastoris. (CASCUDO, 2000, p. 325).

dentre eles a catedral de Nossa Senhora Imaculada Conceição são contornados com luzes de neon, assim como prédios e casas.

O conjunto faz iluminar as cidades, anunciando e lembrando a todos que o Advento é chegado: o tempo preparatório de comemoração ao nascimento de Jesus. Nos municípios e povoados visitados predominam na ornamentação as bandeirinhas perfiladas nas ruas. As luzes em árvores e fachadas são exceção que se destacam na paisagem das pequenas comunidades.

Das entrevistas realizadas com os párocos e responsáveis pode-se apreender uma sintonia com relação a orientação das Dioceses no que se refere ao padrão das celebrações religiosas, ou seja, o cuidado em não misturar as celebrações religiosas com as profanas. Foi observado tanto nos folders como na paisagem a distinção das celebrações. Os festejos da Igreja são claramente expostos na programação: novenas, alvoradas festivas, ofícios, missas festivas, procissões e/ou carreatas, batismos, crismas e shows com músicos religiosos. Lateralmente nos folders aparece a programação da festa patrocinada pelas prefeituras: bandas de forró e axé predominantemente! Elas ocorrem normalmente em outros espaços e, quando na mesma Praça da Igreja, no dia anterior ou posterior à festa religiosa.

Essa dualidade dos espaços festivos estampada nos cartazes e nas matérias dos jornais subtrai as festas populares, como se os Pastorais, as Cheganças e os Reisados, dentre outros, não ocupassem o espaço festivo; “encarcerados” entre o espaço sagrado e o espaço profano e, restritos a pequenos grupos familiares. Porém, nas cidades de Laranjeiras e Japarutuba já é tradição os festejos a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, festividades já incorporadas a eventos culturais de longa duração com participação conjunta de grupos populares e da igreja católica em rituais a esses santos.

Com relação ao ciclo junino, este é marcado pelos festejos a Santo Antonio, São João e São Pedro comemorados, respectivamente nos dias 13, 24 e 29 de junho. A referência do ciclo junino com o calendário litúrgico dá-se por sua ocorrência após a celebração do Corpo de Deus, quando em todo o país reverencia-se o Divino. Essa referência é meramente cronológica, pois a demarcação é cosmológica, dada pela ocorrência do solstício de inverno no hemisfério Sul, coincidindo com final de colheitas, com fartura no campo e, portanto, motivo para celebrações. É um ciclo de grande expressividade no Nordeste brasileiro que, para além do calendário litúrgico católico onde se situam nos “tempos comuns” de celebrações aos santos, a síntese dos festejos é também nomeada como festas “joaninas”, devido à popularidade de São João.

A religiosidade dos sergipanos confirma a literatura sobre o Nordeste, pois os santos juninos são fortemente espacializados nos 75 municípios do

Estado, confirmado pelo número de igrejas e capelas que tem os santos como padroeiro: Santo Antonio (97); São João (48) e São Pedro (36)⁴.

Como em todos os festejos religiosos, a procissão é o ápice das reverências. Pela espacialização de Santo Antônio em Sergipe, o dia 13 de junho é especial em muitas cidades e povoados. Todavia, nos municípios de Ilha das Flores, Neópolis, Propriá, Malhada dos Bois e Itabaiana, onde o santo é o padroeiro e, em Aracaju, onde a paróquia encontra-se no sítio que deu origem à capital, as comemorações são mais expressivas, tanto pelo envolvimento quanto pela participação das comunidades.

É importante afirmar que embora Santo Antônio seja cronologicamente o primeiro santo do “ciclo junino” e que a paisagem das cidades já estejam “vestidas” com bandeirolas nas ruas, adereços em postes e fachadas de casas e de estabelecimentos comerciais, em Sergipe, não se comemoram o santo com arraiais, forrós e manifestações de danças populares no seu entorno. Seus festejos são estritamente religiosos e encerram os rituais tradicionais de trezena, missa solene, alvorada festiva e procissão.

Já a importância de São João é tamanha na Igreja católica que, dentre os santos, somente a ele é dedicado duas datas no calendário litúrgico. Comemora-se o nascimento em 24 de junho, correspondendo ao ápice das festas populares do ciclo junino ou “joanino” em reverência ao santo festeiro e, seu martírio, em 29 de agosto, quando degolado teve sua cabeça entregue por Herodes em atenção ao pedido de Salomé.

Em Sergipe, São João Batista é padroeiro de três municípios e de 48 paróquias e capelas em todo o Estado. As novenas não constituem o ritual de maior significância nas paróquias e sim as vigílias ao santo que ocorrem na noite do dia 23. Nas novenas é lembrada toda a vida de São João e sua ocorrência, se em casas ou nas igrejas, é definida pelas comunidades. Já a vigília realiza-se nas igrejas, iniciada com uma missa solene. As procissões ocorrem nos locais em que o santo é padroeiro, como nos municípios sergipanos de Areia Branca, Cedro de São João e General Maynard.

Dentre os festejos religiosos o que mais chamou atenção foi o de Areia Branca, primeiro município sergipano a realizar um festejo junino popular de massa com a construção de um forró-dromo para o “São João de Paz e Amor”, na década de 1980 e, por esse motivo, a manutenção da tradição religiosa fez-se mais observada. A igreja de São João é muito pequena, com porte de capela.

⁴ Segundo levantamento de Bonjardim (2011 op. cit.), dos 36 templos a São Pedro, dois são dedicados a São Pedro Pescador e quatro a São Pedro São Paulo.

O momento de maior significado dá-se com a entrada na cidade, em cortejo, de todos os santos padroeiros dos povoados, acompanhados de cânticos e oferendas. Os cortejos dirigem-se à praça da igreja para o encontro com São João Batista onde é celebrada a missa solene. A multidão acompanha o ritual, marcado pelas oferendas, geralmente produtos agrícolas dos povoados, mantendo assim a tradição religiosa na data em que, à noite, a cidade se transforma em um centro de “forró”.

São Pedro, comemorado em 29 de junho, é o último santo dos festejos juninos. Neste dia a Igreja comemora também São Paulo, mas ao referir-se a São Pedro, trata-o com a deferência que o santo fez por merecer. Foi Jesus que lhe atribuiu o nome de Pedro pela sua liderança, como uma rocha sobre a qual é fundada a Igreja (Matheus 16: 18-19) que, com efeito, foi o primeiro papa.

A despeito de São Pedro dar nome a 36 igrejas, ele não é padroeiro de nenhum município do Estado. Em suas paróquias é reverenciado no dia de seu martírio com missas solenes e procissões.

Festejos populares: diversidade e singularidades

A passagem dos festejos religiosos dos templos para as ruas em cânticos e folguedos data, segundo a literatura, da Idade Média e introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses. O período natalino é marcado pela confraternização social e pela alegria de se celebrar o nascimento do Menino Jesus, manifestadas popularmente por Pastoris, Reisados, Cheganças, Guerreiros, Taieiras e Cacumbis que correspondem às festas de entorno levantadas na pesquisa⁵.

As festas juninas permanecem importantes na vida dos sergipanos seja pelo quanto suas representações os reforçam no festar nordestino, seja pelas diversificações que as singularizam no contexto do discurso do forte significado que apresentam na região Nordeste do país.

Os santos juninos, notadamente São João e São Pedro são popularmente festejados com cantos, danças, comidas e bebidas especiais que se materializam em arraiais ornados com palhas e iluminados por fogueiras e fogos, muitos fogos! Os grupos se manifestam em quadrilhas, batalhões, bacamartes, pisa pólvora e, com maior envolvimento de pessoas em arrastões, realizam-se as sarandagens, os casamentos de matutos e a festa do mastro, esta,

⁵ Afora os levantamentos em documentos e jornais, foram aplicados 248 questionários, realizadas 81 entrevistas e produzidos 38 relatórios de observação de campo em 29 dos 75 municípios do Estado de Sergipe.

somente no município de Capela. Os eventos de massa materializam-se em forrós realizados em praças de evento com shows de bandas⁶.

Não é tarefa fácil estabelecer as origens dessas festas em um país com tantas influências culturais, mas é possível sinalizar, como já colocado, para a permissividade da Igreja católica, desde seus primórdios e também no período colonial no Brasil, com relação aos elementos arcaicos do paganismo introduzidos nos ritos cristãos, tais como os ritos de fogo e as lavagens. O fato é que as tradições de celebrar os santos possibilitaram ressignificá-las, seja pelo contexto social, seja pelo cotidiano, em manifestações populares que em síntese, agradecem, louvam e pedem, imbricando os elementos sagrados e profanos em diversos folguedos como mostrado anteriormente no Quadro 1.

As festas populares natalinas

Pelas observações feitas durante a pesquisa os Pastoris e Reisados associam-se ao “tempo forte” do Natal. Os demais, Chegança, Marujada, Guerreiro, Taieira, Cacumbi e Maracatu, associam-se “tempo forte” da Epifania dos Reis Magos. A espacialização dos folguedos nos municípios sergipanos é mostrada na figura 1.

O Pastoril, assim como o Reisado e a Chegança, tem origem remota na idade média e suas variações ao longo do tempo não permitem tratá-los de forma padronizada. Como nos coloca Geertz (1989), os sujeitos sociais interpretam e conferem sentido às culturas e, portanto, existem múltiplas culturas distintas pelo tempo, pelas circunstâncias sociais, políticas, econômicas, etc. Em comum, dançam e cantam representando uma peregrinação dos pastores e pastoras à Belém que, guiados por anjos até o estábulo do Menino Jesus, oferecem-lhe louvores.

A Chegança em Sergipe é de Mouros⁷, pois encena no ciclo natalino a vida no mar e as lutas entre mouros e cristãos como se fossem tripulantes de uma embarcação e daí vestirem trajes de marinheiros, brancos com detalhes em azul e amarelo. Os grupos de Marujada são bem menos numerosos que os de Chegança, e ambos são mais representativos no litoral, agreste e centro sul do Estado. Com destaque e tradição, sobretudo os grupos de Chegança, encontram-se aqueles onde os festejos de São Benedito são significativos nas

⁶ Afora os levantamentos em documentos e jornais, foram aplicados 233 questionários, realizadas 75 entrevistas e produzidos 25 relatórios de observação de campo em 36 dos 75 municípios do Estado de Sergipe.

⁷ A Chegança se divide em Chegança dos marujos que é a Marujada e Chegança dos mouros que é a Chegança propriamente dita (CASCUDO, 2000, p. 129).

comunidades, mas também, em municípios em que as gerações preservaram a “brincadeira”, como Moita Bonita, Cristinápolis, Poço Verde e Divina Pastora.

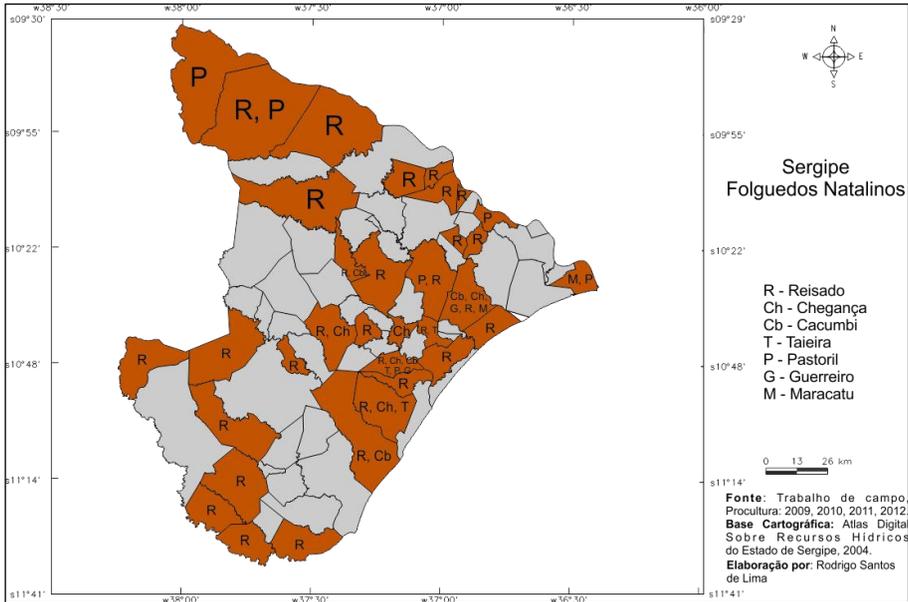


Figura 1. Sergipe: Folguedos natalinos

Fonte: Banco de dados Sergipe: Projeto A dimensão territorial das festas populares e do território: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe, 2012

Todavia, os grupos de Taieiras são mais respeitosos, posto que manifestos particularmente à Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. O caráter profano vem de sua formação de origem africana ao louvar sincreticamente esses santos protetores dos negros. Saem às ruas, da casa do líder até a igreja de São Benedito ou de Nossa Senhora do Rosário, em fileiras com roupas enfeitadas de fitas multicoloridas diferenciando os personagens pelos adereços.

O Guerreiro é um auto que mistura parte do Reisado, dos Caboclinhos, da Chegança e do Pastoril. A dança é composta por jornadas que são apresentadas de acordo com os personagens de cada grupo, mas em comum, os grupos enfatizam a jornada dos três Reis Magos. Identificamos dois grupos de Guerreiro, um em Laranjeiras e outro em Japarutuba. Devido sua característica de ser uma “mistura” de outros folguedos, sua ocorrência tal como o Guerreiro ou partes como Jaraguá, são manifestadas em outros tantos lugares, tal como sinalizados por Vargas e Neves (2009), em: Santo Amaro das Brotas, São Miguel do Aleixo, São Francisco e Propriá.

O Cacumbi, é uma “variante do congo, congada, quilombo, ticumbi, já desaparecida sob essa denominação, exceto em Sergipe” (CASCUDO, 2000, p. 169), e continua: “ é um instrumento de procedência africana [...] verificar-se-ia o mesmo processo que ocorrera com o carimbo, o zambê, e o caxambu, em que o instrumento denomina também o folguedo [...] no Rio Grande do Sul diz-se Quicumbi (op. cit., p. 169) e no Espírito Santo, Ticumbi (op.cit., p. 678).

Em Sergipe, traduz-se em um bailado brejeiro e rico em variações de “autos” e “bailados” como a Congada, Guerreiro, Reisado e Ticumbi. Todos os participantes são do sexo masculino e não apresentam dramatizações. O objetivo da manifestação é louvar os padroeiros negros afro-brasileiros, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário no dia de Reis. As músicas são selecionadas de acordo com o caráter da apresentação. Assim, o grupo distingue as músicas cantadas nas ruas e em outras apresentações festivas daquelas cantadas para os santos no ritual de louvação nas igrejas que ocorrem somente no dia de Reis.

Embora nos dias atuais os Maracatus estejam associados como cordão carnavalesco, dois grupos (um de Japarutuba e outro do povoado Brejão dos Negros, em Brejo Grande) mantêm a tradição sacroprofana de realizar o cortejo no dia de Reis em louvor à Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Desta feita, não se contêm autos ou jornada e tampouco um enredo. Encerram um cortejo em que os séquitos dos Reis de Congo comemoram com batuques sua coroação rendendo homenagens aos santos protetores. Eles dançam umbigadas e saracateios em meio aos cantos, muitos deles próximos aos dialetos africanos.

Dentre os folguedos ocorrentes, o Pastoril e o Reisado ainda se mantêm com maior popularidade e são os mais numerosos. As apresentações destes ocorrem desde o início do mês de dezembro e se estendem até meados de janeiro, juntamente com os demais do “ciclo de Reis”.

No entanto, são poucos os grupos que se apresentam apenas na noite de Natal e no dia de Reis, atados às tradições religiosas. Especialmente esses grupos encontram-se principalmente em pequenos municípios e nas áreas rurais. As formações familiares e de vizinhança são comuns a todos, mas identificamos a formação de grupos mirins em várias comunidades lideradas por Mestres e pelas escolas num nítido processo de enraizamento da tradição entre gerações. Assim, a presença e a “reprodução” de Mestres permanecem de fundamental importância para a manutenção das tradições.

Há consenso nos grupos sergipanos que após as louvações nas datas religiosas, é permitido que se apresentem em outras festas até mesmo fora do calendário, posto que as obrigações do Natal e de Reis, sobretudo a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário já foram cumpridas.

A maioria dos grupos se considera “móveis”. Eles completam a formação no mês de dezembro, mas apresentam-se em festejos e cerimônias ao longo de todo o ano, com destaque nos arraiais de prefeituras no período junino. Encontram-se mais estruturados, com roupas, adereços e instrumentos musicais, os grupos que tem acesso a editais públicos voltados para esse fim. Os responsáveis destacam o auxílio como fundamental para a reprodução do grupo e, nesse sentido, a conjugação da tradição com o apoio de políticas públicas faz distinguir os municípios de Laranjeiras e Japarutuba, com a promoção de grandes eventos culturais associados ao “ciclo de Reis” que em última instância traduzem a imagem destes lugares e os reafirma como centralidade, como geossímbolos da cultura sergipana⁸.

As festas populares juninas

A distinção religiosa entre os festejos juninos e natalinos no calendário litúrgico, situando as celebrações aos santos de junho nos “tempos comuns” e o natal no “tempo forte”, explica os ritmos mais acelerados, as letras alusivas ao cotidiano sertanejo e os encontros em arraiais. Não bastassem as celebrações se realizarem em decorrência do trabalho agradecendo em festança a colheita farta, em contraponto à celebração espiritual mais contida do Advento e do Natal. Os festejos juninos se ressignificaram nos ritmos, na composição das letras, nas formas de manifestar e nos locais de “festar”, tornando-os mais complexos que os festejos natalinos que mantêm as mesmas expressões, reproduzindo-as de geração em geração.

Tal assertiva não nega as expressões modernas como tradição, posto que elas se imbricam no diálogo com as temporalidades do passado, no movimento da cultura, ao contrário, esclarece a concomitância de manifestações antigas e contemporâneas que contextualizam a tradição dos festejos juninos. Nesse sentido, o relato das festas sergipanas que se segue procura mostrar os distintos tempos das manifestações e, portanto, sem a intenção de contrapô-las como se posicionadas em universos distintos e antagônicos.

O ciclo junino ou “joanino” principia-se em 19 de março quando se pede chuva a São José; confia com fé no santo mais reverenciado do Estado,

⁸ O Encontro Cultural de Laranjeiras realiza-se desde 1973, incorporando desde a primeira edição os festejos de Reis, com programação em palcos, auditórios e nas ruas; recebe grupos e artistas de Sergipe e de outros estados do país com grande fluxo turístico embora a cidade não disponha de hotéis nem tampouco de restaurantes. Em Japarutuba, a Festa das Cabacinhas foi introduzida nos festejos de Reis há mais de 50 anos e somente a partir de 2001, com programação mais vasta e sobretudo para os grupos locais, pelo Festival de Arte Artur Bispo do Rosário.

padroeiro de 101 igrejas e capelas, que as chuvas serão suficientes. Mesmo com a introdução do plantio de milho híbrido que se faz com irrigação e se planta e se colhe “fora do tempo das chuvas de março”, São José permanece reverenciado em festas que mesclam, como as demais festas de padroeiros, atividades ritualísticas religiosas com shows de bandas.

Mas, é à meia noite de 31 de maio que a música alegre e ritmada pelo triângulo, a zabumba e a sanfona, demarca que São João chegou. “Acorda vem vê; vem vê recordação; acorda vem vê; é primeiro de São João!” é cantado pelas Sarandaias, Sarandagens e pela Silibrina nos interiores, convidando a todos para celebrar o “ciclo” de São João, do fogo, dos fogos, das danças, adentrando todos os sentidos.

As Sarandaias e as Sarandagens consistem na formação de um grupo com ou sem zabumba que sai nas ruas das cidades a partir da meia noite de 31 de maio, anunciando a chegada de “São João”. Cantam, dançam, arrebanham as pessoas que acordam engrossando o cordão com alegria em muitos municípios e localidades. Em Japarutuba, saem às ruas todos os folguedos, dentre eles os tradicionais do ciclo natalino.

A Silibrina ocorre, há 90 anos (em 2012) apenas na cidade de Lagarto e tem a especificidade de iniciar o dia 31 com a derrubada de um mastro fincado em local pré-estabelecido, que se alterou ao longo dos anos. Brindes são colocados no topo do mastro lambuzado de óleo e a brincadeira consiste em soltar fogos em direção ao concorrente enquanto sobem no mastro até o raiar do dia. A festa se agigantou e atualmente a Silibrina cresceu um cortejo pelas ruas da cidade com muitos fogos, principalmente espadas e com o auxílio de carro de som. Há sempre quem consegue alcançar os brindes e, também, muitos feridos, provocando reações de moradores e participantes. Com a expansão da Silibrina desenvolveu-se a fabricação de fogos e o surgimento da figura do fogueteiro, até então restrita aos artesãos de Estância. Sem consenso sobre a melhor forma de festejar a Silibrina, esta segue “para não perder a tradição”, segundo um dos atuais organizadores.

A partir do dia primeiro o cumprimento social se altera: Feliz São João! Dizem todos suprimindo o Bom dia, Boa tarde e Boa noite. Ruas, praças, fachada de prédios, interiores de estabelecimentos, entrada de cidades, porteiras de fazendas são ornados com predomínio de palhas de coqueiro e bandeirolas. As prefeituras e o governo do estado anunciam suas programações. O Banco do Estado de Sergipe e a Petrobras são os que mais apoiam com suas logomarcas inseridas nos cartazes, faixas, palcos e nas propagandas da mídia.

O ciclo junino movimentava a rua, a praça, o rural e o urbano, o cotidiano do trabalho e o calendário escolar. No dia de Santo Antonio é feriado nos municípios em que é padroeiro, no de São João e São Pedro em todo o estado,

adecido de ponto facultativo na véspera em órgãos públicos; as escolas adiantam o calendário das férias, estabelecidas entre 15 a 20 de junho até o final do mês.

Toda essa movimentação acolhe manifestações bastante variadas que vão desde os tradicionais arraiais de escolas e ruas, cortejos de casamentos de matuto, apresentações de Bacamartes, de Batalhões, de Batucada, dos Sambas de Coco que permeiam todas as festas, até as modernas e ressignificadas expressões dos concursos de quadrilha e dos forrós com bandas em grandes praças de evento (Figura 2).

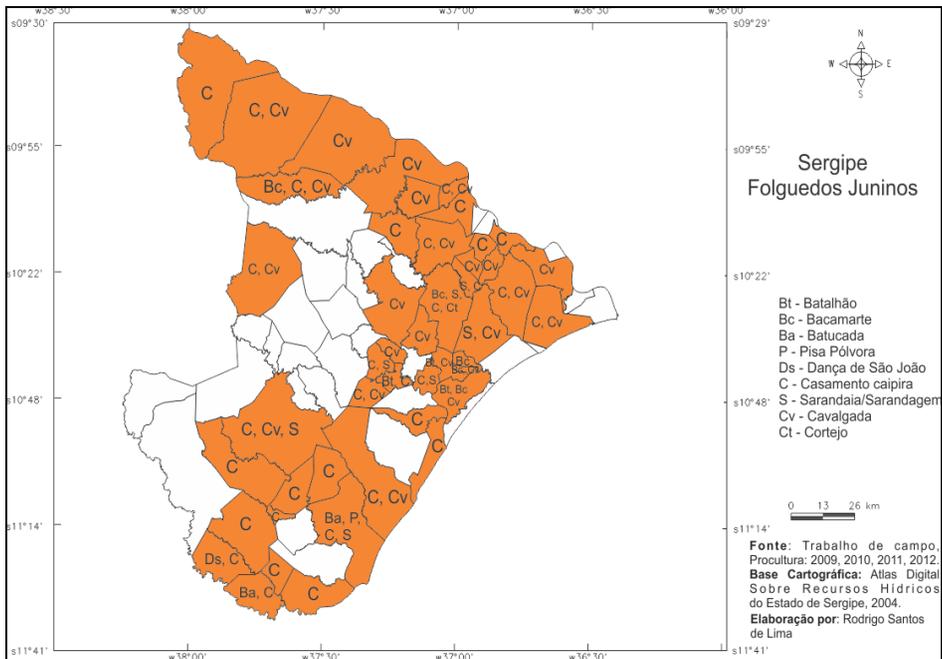


Figura 2. Sergipe: Folguedos juninos

Fonte: Banco de dados Sergipe, 2012; Projeto: A dimensão territorial das festas populares e do território: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe.

Os arraiais atuais mesmo que predominantemente realizados nos pátios de escolas e ruas por iniciativa de vizinhos, com elementos contemporâneos tais como música eletrônica, remetem à celebração comunitária dos antigos arraiais rurais, ainda marcantes na memória dos habitantes de nossas cidades; pois o processo de urbanização é recente. Afinal, “a memória é um fenômeno sempre atual, uma ligação do vivido com o eterno presente” (NORA, 1998, p. 9).

Em Pedra Mole, até meados dos anos 1970, as moças da cidade acordavam afoitas em 23 de junho para “prender” os rapazes que quedavam confinados num cercadinho defronte da igreja e somente eram liberados para a dança no arraial que se prolongava por toda a noite, ali mesmo ao som de um trio pé de serra - a zabumba, o triângulo e a sanfona. São essas brincadeiras, assim como os casamentos de matuto, as quadrilhas, os balaios e as mesas plenas de comidas de “São João” que são reproduzidas nos arraiais de ruas e das escolas; numerosos e comunitariamente reproduzidos.

A festa se completa com fogueira, fogos e comidas típicas, elementos norteadores da memória que “se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto” (NORA, 1998, p.9). Os Antônio ascendem a fogueira em 13 de junho, os Pedros em 29 e “todos” em 24! A benção das fogueiras permanece assim como as promessas de compadres e comadres que pulam as chamas reiterando seus compromissos. A mesa é variada, colorida e não falta o milho cozido ou assado na fogueira; a pamonha, o mungunzá, a canjica e os bolos de macaxeira, puba, tapioca, coco e fubá. Delícias da culinária do ciclo.

Quanto aos grupos tradicionais, os Bacamarteiros de Carmópolis são reconhecidos pela habilidade dos tiros e pelos versos do chefe que reverenciam o santo e, os Batalhões, pela percussão tirada na batida dos pés. Em Estância, o Batalhão, composto de homens e mulheres se apresenta com a rainha do Milho. A dança reproduz um cortejo, pois o estandarte é conduzido por uma comissão de frente que entoia os versos para a reprodução dos demais componentes.

Os cortejos de casamento de matuto e cavalgadas, ao contrário dos Bacamartes, são realizados durante todo o mês e primam pela criatividade. A composição dos figurantes e dos noivos é tão variada quanto os elementos dos cortejos: noivos idosos, homens travestidos, carroças enfeitadas, jegues, bodes e cavalos enfeitados, mini-trios, bandas ou trios pé de serra alegam os participantes que se multiplicam no percurso. Em alguns municípios, como Carira, Poço Redondo e Itaporanga D’Ajuda há quem faz referência aos “casamentos de tabaréu”⁹.

Mais “fixos” na paisagem, os arraiais comunitários e o forró em grandes praças de evento encerram a síntese da expressão concomitante das manifestações tradicionais enraizadas com as ressignificadas e, ainda, com as novas. Não há evolução de uma para a outra; elas são apreendidas no contexto tempo-espaço do ciclo. De forma a evitar uma apresentação seccionada de festas e lugares e, na tentativa de expor a explosão de festas juninas em Sergipe, segue o relato dos festejos de Estância, Capela e Aracaju.

⁹ Matuto, roceiro, habitante do campo (Casudo, 2000, p. 655).

O município de Estância destaca-se por manter tradições e “traduzidas” de forma única no Estado, muitas delas, singulares. Aí se encontram habilidosos fogueteiros especialistas na produção de espadas e buscapés que se guerreiam nas ruas. Atualmente, há uma área cercada, mas nem todos cumprem as novas normas e a fachadas de lojas e casas permanecem com tapumes de proteção. Dessa tradição, o pescador Chico Surdo há mais de 100 anos criou um pequeno barco engenhosamente enfeitado e recheado de fogos propulsores que se desliza em um arame. Sua invenção tornou-se tradição e o “barco de fogo” tornou-se patrimônio cultural de Sergipe e em processo de registro no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan.

Dos pescadores-fogueteiros também é atribuído o surgimento dos grupos de Pisa Pólvora e Batucada, surgidos na labuta de pisar a pólvora nos pilões com cantos e marcações das batidas, assim como o Samba de Coco. Ainda, a procissão de São João encerra um ritual de fé e tradição dos pescadores-fogueteiros que se reúnem defronte da igreja do bairro e, após os ritos religiosos, saem em cortejo pelas ruas da cidade com as formações dos grupos de Batucada, quadrilhas e até Reisados.

As quadrilhas são inúmeras, das escolas, dos idosos, da sede, dos povoados e das formações em grupo como: Pé Duro, Ascende a Fogueira, Todos em Asa Branca, dentre outras. “Dançar” quadrilha é importante para os que o fazem na praça, na quadra da escola e para os que participam dos concursos promovidos em várias instancias, desde o do município até o da Rede Globo de Televisão. As competições já estão internalizadas como atividades do ciclo. São muitos os concursos: de bolos, licor e comidas típicas; da residência, loja e rua mais enfeitada e, mais recentemente, até de barco de fogo.

A prefeitura organiza os espaços, coordena muitos eventos e apoia os grupos tradicionais, assim como patrocina as bandas de forró, “tradição do São João moderno”, tal como expressou uma moradora. O fato é que a economia e os ânimos dos estancianos voltam-se para os preparativos juninos tão logo finda o carnaval, outro grande espetáculo que proporcionam com maestria.

Em Capela, a festa é para São Pedro! Ela é traduzida nos dias atuais como a “ressaca” de São João. Teve início há mais de 70 anos por uma família local (os Melo), com o ritual de retirada do Mastro da mata na manhã do dia 29. A retirada dos brindes é feita, como na Silibrina, com muitos fogos e buscapés, todavia, após a queima do Mastro. No passado, a festa era garantida desde a Sarandagem, em 31 de maio, quando o cortejo da baiana, com um homem vestido a caráter com cesto na cabeça e acompanhado de banda de pífanos, recolhia brindes e dinheiro pelo comércio, em algazarra pelas ruas da cidade. O cortejo da baiana ainda é feito, mas a festa tomou, a partir da década

de 1980, proporções de grande evento com a introdução de shows de bandas de forró na noite de 29 para 30 de junho, se estendendo por até cinco dias, a depender das administrações.

Devido ao aumento significativo de participantes no cortejo da derrubada do Mastro, com introdução de carro de som e carro de cachaça e, conseqüentemente, com estragos na vegetação da mata, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA interveio no ritual acrescentando o plantio de mudas e a prévia escolha da árvore a ser derrubada. Assim, a festa se mantém com milhares de participantes no cortejo do Mastro e outros tantos nas noites de shows.

Em Aracaju, tradicionalmente, a roça era remontada em arraiais de ruas, resistindo com programação ao público somente no palco da Rua São João, assim como a prática de ascender a fogueira para o santo que colore a noite: o brilho do chão, o ar esfumaçado e o céu rajado com as cores dos fogos são os tons da noite de 23 para 24 de junho. São muitas as possibilidades e os espaços oferecidos na capital, mas a pesquisa (sobretudo dos jornais) ¹⁰ sinaliza a oscilação da programação e da organização de acordo com os governos, com o calendário político em ano eleitoral e também, em anos de copa do mundo.

No mercado central os governos municipais vêm montando, desde a década de 1980, o “Forró Caju”, um grande forró-dromo com vários palcos, camarotes e estrutura de bares. Com 15 e até 20 dias de programação é a praça dos espetáculos! Na orla da praia, os governos estaduais montam uma cidade cenográfica, o “Arraiá do Povo”, onde oferecem shows alternados com apresentações de grupos tradicionais de todo o estado. Para os turistas, durante o dia, a marinete do forró passa nos hotéis e faz o percurso pelas ruas da cidade. O Centro de Criatividade e o Gonzagão são espaços que de forma intermitente vêm apresentando programação junina, sobretudo com apresentação de quadrilhas. O Fórum do Forró oferece espaço de discussão e já se encontra na sua sétima edição (2012) e, a mostra dos altares de Santo Antonio resiste no Cultart, espaço da Universidade Federal de Sergipe.

Considerações sobre os eixos simbólicos e as lógicas racionais das festas populares

Essa pesquisa proporcionou a apreensão das festas em movimento e, conseqüentemente, do movimento da cultura viva, que se ressignifica, nem

¹⁰ Matérias publicadas no Jornal da Cidade no período de 1999 a 2010. Foram levantadas 740 matérias sendo 607 sobre festas do ciclo junino e, destas, 310 eram alusivas aos forrós, sobretudo, aqueles patrocinados pelas prefeituras de Aracaju, Nossa Senhora do Socorro, Capela, Areia Branca, Rosário do Catete e Estância.

sempre sem conflitos, mas sempre com sentido. As mudanças observadas nas paisagens festivas nos conduziram à observação da racionalidade da produção das festas que, *grosso modo*, podem ser analisadas como que inseridas numa *produção de consumo*, ou numa *produção de excedente* e, até, numa *produção de mercado*¹¹.

A *produção de consumo* consiste naquela em que o grupo brinca e reproduz sua história; se reproduz revivendo os sentidos e os sentimentos de geração em geração. “Brincar” aqui no sentido de construção e renovação lúdica da manifestação que proporciona o rompimento do elo entre imaginário e realidade; daí muitos se reconhecerem “brincantes”. O lúdico é definido por Cascudo (2000, p. 339-340) como “brincadeiras tradicionais que constituem elementos da cultura popular [...] decorrem os primeiros contatos do ser humano com a cultura de seu povo”.

Ainda é possível encontrar inúmeros grupos que mantêm a apresentação de suas “performances” associadas aos ciclos, como Taieiras, Reisados e Cheganças no ciclo natalino e, Batalhões no ciclo junino, que brincam somente nos dias dos santos. São em sua grande maioria grupos familiares cuja manifestação remonta a um ancestral e que de geração a geração, são preservadas a memória, o respeito e o prazer de se renovar a tradição “brincando”.

A *produção de excedente* encerra os grupos que mantêm os sentidos e os sentimentos dos valores atribuídos às suas práticas de brincantes, mas que em tempos de globalização deslocam-se “para fora” do tempo de brincar, isto é, fora do ciclo em que a manifestação é brincada e se apresentam em eventos, gerando assim um excedente da brincadeira e uma economia (renda) para o grupo, pois “apresentar”, pode ser uma obrigação, colocando-os como ou próximo de grupos profissionais.

Esse processo de apropriação não é recente, mas tornou-se mais generalizado após a década de 1980, com as facilidades proporcionadas pelos meios de comunicação e pode ser observado nas manifestações populares sejam elas religiosas ou não.

A *produção de mercado* concerne àqueles grupos já apropriados pela lógica da racionalidade com estrutura voltada para o atendimento das demandas de mercado. Um exemplo basilar é o grupo Olodum do estado da Bahia que se transformou em grife, seja a imaterialidade do rufar de seus tambores, seja os inúmeros produtos comercializados com sua marca. Citando-se um exemplo de manifestação advinda da religião católica tem-se a encenação da Paixão de

¹¹ Paralelo traçado a partir do texto de Brandão (2007), que trata dos tempos e espaços rurais no Brasil.

Cristo na cidade pernambucana de Fazenda Nova onde em um grande cenário aberto, artistas de renome atraem multidões, já se conformando como uma tradição. O evento já está incorporado aos interesses de agências de turismo e o comércio e serviços locais atendem as demandas dos milhares de visitantes.

Exemplo dessa categoria em Sergipe tem-se os concursos de quadrilhas e os forrós, iniciados na década de 1990, já incorporados como produto da tradição nordestina e suas produções encerram grandes eventos com envolvimento de mídias e agências de turismo. Por um lado, surgem muitas bandas em todos os estados nordestinos difundindo o ritmo e a marcação do forró, concomitantemente ao reconhecimento e visibilidade de sanfoneiros, com estrutura para a apresentação em grandes eventos. Por outro, a coreografia, as vestimentas e o sentido das quadrilhas foram-se deslocando do arraial para a busca a cada ano de originalidade e novidade, até os dias atuais, em que a organização prima pela produção de um espetáculo. Da espontaneidade ao compromisso com competições, as quadrilhas e os quadrilheiros seguem se renovando, mas a cada ano, se distanciando da brincadeira e se aproximando da produção de um produto cujo fim é a promoção do espetáculo.

Com intuito de valorizar as manifestações culturais, tanto a estrutura produtora do turismo como as políticas governamentais, apresentam-se como agentes de fomento das festas populares com maior ou menor visibilidade nos lugares onde elas se manifestam. As ações e tampouco a espacialização das ações do turismo e das políticas governamentais não quedaram despercebidas pelos sujeitos da criação das festas e das manifestações festivas posto que observamos a valorização de determinados grupos, determinadas comunidades, determinadas tradições culturais. Isso nos levou a uma postura interpretativa de um todo que não se mostra coerente na tradição e no caráter popular, mas dinâmico, tem na essência do fazer, um permanente refazer, se reproduzindo, se renovando, se ressignificando.

Por exemplo, se por um lado é consenso a importância dos festejos juninos para nordestinos e sergipanos, já incorporados no discurso de suas identidades, por outro, um olhar atento desvela não apenas diversidade e singularidades, mas sobretudo, a manifestação de expressões tradicionais e ressignificadas que são ofuscadas pelo discurso homogêneo de que o Nordeste (e Sergipe) é um grande arraial: “Sergipe é o país do Forró”; “Campina Grande tem o maior Forró do mundo”; “Caruaru tem o melhor Forró do mundo”, são as máximas das mídias e dos discursos que traduzem o novo que se renova em espetáculos e cria novas tradições.

Com efeito, as festas tradicionais são múltiplas e mais especializadas e os forrós, em menor número, são grandiosos eventos de massa. Em muitos municípios e povoados as festas dos ciclos junino e natalino são os principais

eventos das localidades, mas nem todas recebem incentivos e, apenas algumas são “consumidas” pelo turismo cultural. Não nos atemos às políticas culturais e sim aos instrumentos usados para as escolhas de lugares, de festas e de grupos produtores. Nesse sentido, as dimensões interativas que proporcionam o consumo das festas são encontradas na diversidade de manifestações de *festas de entorno*. No ciclo natalino elas propulsionam os encontros culturais em Laranjeiras e Japarutuba e, no ciclo junino, os concursos de quadrilhas e os forrós. Entre e durante os grandes eventos vivenciam-se pequenas e múltiplas festas.

Com tais aportes, as festas estudadas são tomadas como patrimônio. Elas são herdadas e apropriadas pela tradição, mas também, em construção, mesclam diferentes temporalidades (AZEVEDO, 2002). A festa patrimônio se guarda na memória e cede o seu sentido para o futuro, pois “a memória se acomoda apenas nos detalhes que a conformam; ela se nutre de lembranças, vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a toda transferência, censura ou projeção” (NORA, 1998, p. 9).

A festa patrimônio é vivida, se faz e se refaz pela promessa ou pelo zelo, pela explosão de alegria ou por interesses outros; todos os sentidos e significados advindos do saber fazer, saber ter e ser da festa. Assim, Sergipe segue, em festa, sentindo e significando sua sergipanidade.

Referências

AGENDA CULTURAL. **Danças e folguedos de Sergipe**. Aracaju: BNB, 1997.

ALENCAR, Aglaé D. Fontes. **Danças e folguedos** – iniciação ao folclore sergipano. Aracaju, 1998.

AZEVEDO, J. Cultura, patrimônio e turismo. In: IRVING, M. de A.; AZEVEDO, J. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002.

BONJARDIM, S. G. M.; ALMEIDA, M. G. As Territorialidades das Festas Religiosas em Sergipe. In: **Anais... IV Colóquio do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações**. Santa Maria – RS: Campus UFSM, 2011.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território In: ROSENDAHL, Z.; CORREA, R. L. (Orgs.). **Geografia Cultural: um século**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p. 83-116.

BOURDIEU, P. Gênese e estrutura do campo religioso In: _____. **A economia das trocas simbólicas**. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O divino, o santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: Cia da Defesa do Folclore, 1978.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil. In: **Revista Ruris**, vol. 1, nº 1, março 2007, p. 37-64.
- CARVALHO DEDA, José de. **Brefálias e burundangas do folclore sergipano**. 2ª Ed. Maceió: Edições Catavento, 2001.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 9ª Ed. São Paulo: Global, 2000.
- CLAVAL, Paul. La theme de La religion dans les études geographiques In: **Geographie et Culture**. Paris, nº 2, 1992, p. 85-111.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulus, 2008.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GAUDITANO, Rosa; TIRAPELI, Percival. **Festas de fé**. São Paulo: Metalivros, 2003.
- GEETZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- NORA, Pierre. **Les lieux mémoire**. Paris: Gallimard, 1998.
- ROSENTHAL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.
- VARGAS, Maria A. M.; NEVES, Paulo Sergio da C. **Levantamento Cultural dos Territórios Sergipanos**. Aracaju: Seplan/UFS, 2009.

Maria Augusta Mundim Vargas

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é professora voluntária do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, coordenadora do Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura e, em Sergipe, do projeto *A dimensão territorial das festas populares e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial nos estados de Goiás, Ceará e Sergipe, financiado pelo Edital Pro Cultura 2008-Capes/Minc*

E-mail: guta98@hotmail.com.br

Recebido para publicação em dezembro de 2013

Aprovado para publicação em fevereiro de 2014